

CONSCIENTIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO EM PAULO FREIRE

CONSCIENTIZATION AND EMANCIPATION IN PAULO FREIRE

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir o papel da prática educacional no processo de conscientização dos seres humanos enquanto seres responsáveis pela formação de suas próprias histórias, seres emancipados da condição de oprimidos. A maneira como tal processo de conscientização ocorre foi analisada através de uma pesquisa bibliográfica de obras de Paulo Freire: Pedagogia do Oprimido, Ação Cultural para Liberdade e Outros Escritos, Conscientização: Teoria e Prática da Libertação – Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire e Educação como Prática de Liberdade. O trabalho de Freire sugere que esse processo se dá principalmente através da relação dialética entre subjetividade e objetividade, entre ação e reflexão. Não basta ao homem se reconhecer como pertencente a um determinado grupo social se ele não for capaz de transformá-lo. O processo para se tornar capaz de transformar a própria realidade requer que o indivíduo se reconheça enquanto sujeito no mundo, enquanto ser que possui uma identidade flexível e mutável. Essa conscientização, que torna o sujeito responsável pela formação de sua própria história, pode ser facilitada pela prática educacional problematizadora.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Problematizadora. Conscientização. Emancipação.

ABSTRACT: This article aims to discuss the role of the educational practice in the process of conscientization of human beings as beings responsible for the formation of their own histories, beings emancipated from the condition of oppressed. The way in which this process of conscientization occurs was analyzed through a bibliographic review of Paulo Freire's books. Freire's work suggests that this process occurs mainly through the dialectic relationship between subjectivity and objectivity, between action and reflection. It is not enough for a man to recognize himself as part of a given social group if he is not able to transform it. The process to enable the transformation of one's own reality requires that the individual recognizes oneself as an individual in the world, as an individual that has a flexible and mutable identity. This conscientization, that turns one responsible for the creation of one's own reality, is facilitated by the practice of a problematizing education.

KEYWORDS: Problem-based Education. Conscientization. Emancipation.

1 INTRODUÇÃO

A obra de Paulo Freire é uma teoria educacional de cunho emancipatório, que visa superar as relações que se estabelecem nas sociedades capitalistas como a nossa onde, como denomina Freire (1987), o opressor pretende domesticar o oprimido no presente para perpetuar o sistema de opressão. O oprimido é aquele que por conta de uma estrutura desumanizante da sociedade é feito "ser menos", é impossibilitado de ser. A teoria

educacional de Freire visa emancipar os sujeitos oprimidos, ou seja, ajudá-los a se tornarem responsáveis pela formação de sua própria história.

Nessa relação entre oprimidos e opressores ocorre, segundo Freire, um processo de desumanização: não há diálogo, questionamento ou criticidade. Em *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987), Freire discute o processo de desumanização causado pelo opressor sobre os oprimidos. O opressor manipula o oprimido através da cultura de elite imposta; o oprimido, desinformado, aceita sem crítica, num processo de alienação: “Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão” (FREIRE, 1987: 23). Freire justifica que todo processo de humanização exige o reconhecimento da desumanização e afirma que a vocação do homem é para a humanização, mas as injustiças, a exploração, a violência e a opressão indicam o caminho da desumanização, tornando-os acrílicos, conformados com a própria sorte, com uma visão fatalista, como se tivessem suas identidades fixas, predeterminadas pela sociedade e incapazes de atuarem como transformadores da mesma.

O objetivo do desenvolvimento do presente artigo é compreender, com base no pensamento freireano, como a prática educacional contribui para a emancipação, para que o homem torne-se consciente e capaz de libertar-se da condição de oprimido.

2 CONCEPÇÃO DE HOMEM

O homem, para Freire, é um ser de relações, aberto à sua realidade, que “não apenas está no mundo, mas com o mundo” (FREIRE, 1982: 39). A forma como estabelece suas relações com o mundo é o que o diferencia dos simples contatos feitos pelos animais, os quais apenas se encontram no mundo.

O homem é um ser social. Sendo assim, a consciência e a transformação do meio ocorre em sociedade. Freire vê a escola como lugar privilegiado para que as transformações ocorram, é função social da escola transformar a realidade. Mas, para o autor, as transformações só ocorrem havendo uma prática educacional problematizadora, permeada pelo diálogo. Para Freire, o diálogo é a essência da educação como prática da liberdade, pois é ele que aproxima, contextualiza, problematiza, sistematiza e humaniza o homem. Em *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987), Freire discute as concepções da educação bancária (domesticadora) e da educação problematizadora (libertadora) a partir das ideologias da sociedade. “O diálogo consiste em uma relação horizontal e não vertical entre as pessoas implicadas, entre as pessoas em relação” (GADOTTI, 1996: 80).

De acordo com Freire, a existência humana não pode ser muda, silenciosa e nem pode nutrir-se de palavras inautênticas.; existir humanamente é pronunciar o mundo e modificá-lo. “O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987: 90).

Em *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987), Freire afirma que o homem é um ser inconcluso e normalmente consciente de sua inconclusão, é um ser histórico que continuamente se educa, num movimento dialético no mundo que o cerca. Entretanto, o processo de desumanização torna-os inconscientes de sua inconclusão, e a educação problematizadora deve levar o homem a perceber-se como ser inconcluso e histórico que é. Não basta ao homem reconhecer-se como pertencente a um grupo social e adaptar-se a

esse grupo, mesmo que suas condições sejam boas ou ruins, é fundamental que se reconheça e se perceba enquanto sujeito no mundo, responsável pelas condições do mundo em que vive, consciente de que pode através de sua ação transformá-lo.

Sendo o homem um ser social, sua identidade conseqüentemente se constitui nas relações sociais, que se dão através do diálogo, possibilitando a percepção de sua individualidade e capacidade criadora. Em uma relação entre oprimidos e opressores o diálogo é substituído por imposições por parte do opressor, as quais impossibilitam que os oprimidos se percebam como possuidores de uma identidade cultural de importância no mundo, capazes de construir história e cultura através da práxis consciente. Para os opressores não é interessante que os homens se tornem conscientes da situação opressora. Enquanto os oprimidos associarem a sua condição a uma sina, destino ou mesmo a uma visão distorcida de Deus, e não às relações opressivas, isentaram os opressores de culpa.

A práxis, para Freire, é a capacidade do sujeito de atuar e refletir, de transformar a realidade de acordo com as finalidades delineadas pelo próprio ser humano. Se os homens se orientam no mundo de forma domesticada, é assim que interpretam o mundo que os cercam, é assim que vão estabelecer suas relações, sem nada mudar, distanciando-se de sua essência humana criadora, aproximando-se cada vez mais dos animais, por isso a preocupação de Freire em tornar o homem consciente de sua capacidade de criar, transformar, transcender a história, a cultura e a sociedade como um todo.

Em *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987), Freire fala do homem histórico, que produz sua existência através do trabalho:

(...) os homens são seres de práxis. São seres do quefazer, diferentemente, por isso mesmo dos animais, seres do puro fazer. Os animais não “admiram” o mundo. Imergem nele. Os homens, pelo contrário, como seres do quefazer “emergem” dele e objetivando-o, podem conhecê-lo e transformá-lo pelo seu trabalho (FREIRE, 1987: 121).

Os homens são capazes de objetivar, de prever o resultado de suas atividades antes de iniciá-las. Diferentemente dos animais que não são capazes de projetar o futuro, os homens possuem vocação para se perceber no tempo e no espaço, como seres historicamente finitos, inconclusos e conscientes de sua finitude. Assim, a maior diferença entre o trabalho do homem e o trabalho do animal é a objetivação, só os seres humanos podem refletir a respeito de suas práticas, discernir e transcender em suas relações com e no mundo. Como seres históricos que são, o processo de transformação do mundo pela prática consciente é tipicamente humano. É pela ação transformadora que os homens historicizam o mundo e ambos se transformam, diferentemente dos animais que não possuem historicidade.

Freire (1987) afirma que o trabalho para o homem não depende do esforço físico realizado pelo sujeito, mas sim da consciência que ele tem do poder transformador de suas ações.

Sendo assim, através do trabalho o homem pode conhecer e transformar o mundo e a si mesmo:

(...) se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do que fazer tem de ter uma teoria e prática. É reflexão e ação. (FREIRE, 1987: 121)

Para Freire, o homem é sujeito por vocação, o que lhe permite ultrapassar os limites do tempo e construir sua própria história e sua cultura. Sendo um ser da práxis ele emerge da natureza para transformá-la, tomando consciência da sua temporalidade e transcendência. A maneira como o homem percebe sua realidade é que determina sua relação com o mundo e suas significações.

Assim, o homem, pela sua própria constituição biológica e social, é um ser propenso a mudanças por vocação, não se contenta em ser apenas coadjuvante da realidade na qual está inserido. Há a necessidade de interferir na realidade, de agir, criar e recriar, objetivando-a para transformá-la. Essa necessidade de mudança está atrelada à condição de humano.

O homem que não se percebe como pertencente da realidade objetiva está passando por um processo de desumanização, é um homem que não atua na mudança da realidade a que pertence.

Freire afirma em *Pedagogia do Oprimido* (1987) que, para não ocorrer o processo de desumanização é de fundamental importância uma educação que possibilite a conscientização do sujeito de sua condição de homem no mundo, inconcluso e consciente de sua inconclusão.

Ele critica a educação que visa domesticar, que tem apenas o objetivo de adaptar o homem às coisas do jeito que são, assim anulando a vocação transformadora tipicamente humana. Ele denomina essa concepção de educação como bancária, a qual se baseia numa mera narração, visando “encher” os educandos de conteúdos sem significado para eles. Essa narração possibilita apenas a memorização mecânica de conteúdos irrelevantes para os educandos, tornando-os como vasilhas a serem enchidas. Como afirma Gadotti: “Na concepção bancária (burguesa), o educador é o que sabe e os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa e os educandos, os pensados...” (GADOTTI, 1996: 80).

Assim, a educação bancária é uma educação que passa a ser compreendida como um simples ato de transmitir valores e conhecimentos que reproduzem a ideologia opressora. Esta concepção de educação nega a educação e o conhecimento como sendo um processo de busca: o educando é passivo e o saber é visto como uma doação dos que se julgam donos da sabedoria aos que nada sabem.

A educação bancária reproduz a ideologia opressora, produzindo educandos passivos, ingênuos, adaptados, acríticos e conformistas que apenas escutam docilmente. É uma educação que contribui para a desumanização tanto do educando como do educador. A concepção bancária estimula a ingenuidade e não a criticidade.

O diálogo, segundo Gadotti (1996: 69), compreende “uma exigência existencial que possibilita a comunicação”, mas para que haja diálogo é preciso haver união, colaboração, organização e síntese cultural. Porém o diálogo não ocorre na educação bancária porque a interação entre educando e educador é prejudicada nessa concepção de educação uma vez que as relações se dão pelo autoritarismo do professor, visto como o dono do saber, o detentor do conhecimento, aquele que transfere a sabedoria aos alunos que nada sabem.

3 CONSCIENTIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

Sabendo que a pedagogia de Freire é uma pedagogia humanista e libertadora que

considera o homem um ser de relações é possível afirmar que essas relações são foco da investigação freireana sobre a consciência e a conscientização. Para ele só o homem é um “ser de relações num mundo de relações”. O homem é o único ser dotado da capacidade de agir conscientemente sobre a realidade objetiva, sendo a conscientização um aspecto intrínseco ao processo de aprendizagem.

A conscientização é um processo histórico que se desenvolve pela tomada de consciência, possibilitando ao homem sua emancipação e integração ao mundo real. Ela tem como fundamento a ação-reflexão dos indivíduos e é um compromisso histórico-político-social através do qual as pessoas podem assumir o papel singular de ressignificar e reconstruir o mundo dentro de uma relação dialética e dialógica.

Esta realidade desumanizante não pode ser mudada sem que o homem tenha consciência de sua essência mutável. É necessário fazer do processo de conscientização a base para a educação problematizadora e crítica, para que essa possa gerar uma ação de reflexão que permita ao indivíduo comprometer-se com a transformação do meio em que está inserido e com sua própria transformação.

Para Freire:

A conscientização é isto; tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação: como desmitologizar, se eu oprimo? Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência a mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmistificação. (FREIRE, 1980: 16)

O livro *Conscientização, Teoria e Prática da Liberdade: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (1980) relata como o tema conscientização surgiu na obra do autor, levando à reflexão da ação consciente do homem no mundo. A conscientização é o tema central da obra, que argumenta que só o homem pode tomar distância do objeto para admirá-lo e agir conscientemente sobre a realidade objetiva.

Para Freire (1980) é só através da tomada de consciência que a opressão pode ser superada. Entretanto, não basta apenas uma tomada de consciência ingênua da realidade, é necessária uma conscientização crítica, a qual se dá através da práxis, da atuação ativa do homem na realidade. Assim, a conscientização acontece quando o sujeito sai de uma consciência ingênua para uma consciência crítica da realidade.

Na obra *Educação como prática de liberdade* (1982a), Freire define esses dois tipos de consciência da seguinte maneira:

A consciência crítica é “a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais”. “A consciência ingênua (pelo contrário) se crê superior aos fatos, dominando-os de fora, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada” (FREIRE, 1982a: 138).

A pedagogia do oprimido é uma pedagogia humanista e libertadora que visa permitir aos homens o desvelamento da opressão pela práxis.

Uma vez a realidade opressora transformada, a pedagogia deixa de ser a dos

oprimidos e passa a ser uma pedagogia dos homens para os homens, num processo de permanente libertação. A conscientização dá ao homem a possibilidade de escolher e decidir por si mesmo e “ultrapassa o nível da tomada de consciência através da análise crítica, isto é, do desvelamento das razões de ser desta situação, para constituir-se em ação transformadora desta realidade.” (GADOTTI, 1996: 81).

A educação é o principal instrumento para a conscientização e ela permite que os homens tornem-se seres políticos e críticos. Freire (1982a) entende a alfabetização como ponto de partida da educação, sendo ela o instrumento que dá ao homem condições de atuar na sociedade. O homem alfabetizado é capaz de se reconhecer como protagonista da sua própria vida, como sujeito histórico que é.

O processo educativo, segundo Freire (1987), deve possibilitar ao homem uma reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo e suas responsabilidades. O trabalho educativo não deve ser feito para o homem, mas sim com o homem, onde ele possa atuar ativamente. A conscientização, como processo educativo, é um meio de organização política do oprimido, um instrumento de luta na superação da realidade opressora.

O processo de conscientização permeia toda a proposta educacional de Freire aqui analisada, sendo considerado por ele como instrumento fundamental para a práxis transformadora. A educação para ele nunca é neutra, pelo contrário, para ele todo ato educativo é um ato político. Como escrito por Gadotti (1996), Freire afirma que a sociedade, os educadores e todos os sujeitos são responsáveis em transformar ou reproduzir a realidade: “No pensamento de Paulo Freire, tanto os alunos quanto os professor são transformados em pensadores críticos. Os alunos não são uma lata vazia para ser enchida pelo professor.” (GADOTTI, 1996: 80).

Inicialmente, o homem ocupa uma posição ingênua diante da realidade observada, e ao adotar uma posição crítica chega à conscientização. A conscientização desmascara a essência fenomênica do objeto, trazendo ao homem a possibilidade de apreender e analisar de fato a realidade que para ele se apresenta. Quanto mais consciente o homem se torna, mais se aproxima da realidade da qual faz parte enquanto sujeito histórico.

Para que a conscientização aconteça de fato, é necessária a existência da relação dialética entre ação e reflexão. É a partir dessa articulação entre a prática e o pensamento que o processo de conscientização se efetiva, permitindo ao homem atuar e transformar a realidade da sociedade e a ele mesmo. É na busca em se estabelecer um diálogo entre a consciência e a realidade que se dá o processo de conscientização.

Freire (1987) insiste em afirmar que a conscientização deve ocorrer para a emancipação dos oprimidos pela sociedade opressora; para ele, a libertação da opressão não ocorre “para” os oprimidos, mas sim através destes por um processo de conscientização. Segundo Freire:

O opressor não é solidário com os oprimidos senão quando deixa de olhá-los como uma categoria abstrata e os vê como pessoas injustamente tratadas, privadas de suas palavras, de quem se abusou ao venderem seu trabalho; quando cessa de fazer gestos piedosos, sentimentais e individualistas e arrisca um ato de amor. A verdadeira solidariedade não se encontra senão na plenitude deste ato de amor, em uma realização existencial, em sua práxis. (FREIRE, 1980: 59).

Segundo Freire (1980), a emancipação só pode acontecer havendo uma mudança na mentalidade dos oprimidos. Os oprimidos imersos na realidade opressiva não possuem

uma percepção clara de si mesmos enquanto sujeitos atuantes na sua própria realidade. O modelo de humanidade que os oprimidos conhecem é o da opressão.

Freire (1987) enfatiza a importância do oprimido em se reconhecer como hospedeiro de seu opressor, mas o conhecimento de si mesmo como oprimido é prejudicado pela realidade opressora a qual está submetido.

A pedagogia do oprimido deve ser colocada em prática com o próprio oprimido e não para ele. Ela é uma pedagogia que faz da opressão e de suas causas o objeto de reflexão dos oprimidos, para que eles tenham condições de lutar pela recuperação de sua humanidade. A pedagogia do oprimido é necessária porque opressores não podem libertar-se nem libertar os oprimidos, e não é simplesmente invertendo os papéis que a condição de oprimidos e opressores deixará de existir. É objetivo da pedagogia do oprimido promover o nascimento de um “homem novo” que não seja opressor nem oprimido, mas esteja em fase de libertação.

Só pode haver transformações atuando-se ativamente na realidade na qual os oprimidos estão inseridos: a práxis é a reflexão e ação do homem sobre o mundo para transformá-lo, sem ela é impossível a superação da contradição opressor-oprimido.

Freire (1980) afirma que a conscientização faz oposição ao pensamento ingênuo que impossibilita o homem de desvelar o mundo. Só a conscientização pode permitir ao homem um pensamento crítico reflexivo. No sentido político o conceito de conscientização, para Freire (1980), abrange a consciência de classe. A conscientização é o processo pelo qual as classes desfavorecidas se reconhecem enquanto classe e também reconhecem na realidade as relações que as oprimem e as exploram, impedindo-as da permanente busca de “ser mais”.

A educação, condição primordial para a transformação, quando voltada objetivamente para uma prática de liberdade, exige que nesse processo ocorra necessariamente o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação a realidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de uma consciência crítica implica na tomada de consciência, que se dá a partir de uma educação problematizadora da realidade que o faça o educando ultrapassar o nível de consciência real para alcançar a conscientização.

A educação que visa à emancipação do homem não pode vê-lo como um ser vazio a ser preenchido com conteúdos insignificantes para sua existência, para que a emancipação ocorra o diálogo deve acontecer de maneira horizontal nas relações.

A consciência crítica não é apenas a percepção da relação de opressão, ela implica ainda em um comprometimento com sua própria transformação. Ela não pode existir fora da práxis, pois constitui-se no processo de conscientização, que é um contínuo desvelamento da realidade de maneira dialética, ou seja, com a constante reflexão sobre a prática.

A emancipação nada mais é do que o processo de libertação política, cultural, humana e social de todos os oprimidos, que se libertam a si e aos opressores.

O homem construirá uma identidade emancipadora, passando por um processo gradativo de transformação dele mesmo e do mundo no qual está inserido, considerando a individualidade e subjetividade de cada um no mundo. Freire afirma que:

Confundir subjetividade com subjetivismo, com psicologismo, é negar-lhe a

importância que tem no processo de transformação do mundo, da história, é cair num simplismo ingênuo. É admitir o impossível: o mundo sem homens, tal qual a outra ingenuidade, a do subjetivismo, que implica homens sem mundo. (FREIRE, 1987: 42)

Quando o homem toma conhecimento de sua subjetividade ele deixa de ser objeto da sociedade, deixa de ser coadjuvante da vida que lhe é imposta e torna-se protagonista, um sujeito que atua ativamente transformando a si mesmo e ao mundo.

Essas transformações que se iniciam com a tomada de consciência levam à conscientização crítica, libertam o homem para viver plenamente sua existência enquanto sujeito histórico.

Sendo a educação o instrumento principal para a tomada de consciência, o ato educativo, que é um ato político deve constituir-se de diálogos entre educador e educando.

A consciência de si do homem implica na consciência da realidade concreta em que se acha como ser histórico. O conhecimento da realidade é indispensável ao desenvolvimento da consciência de si e conseqüentemente ao aumento do conhecimento do mundo. O ato de conhecer não se dá na dicotomia entre objetividade e subjetividade, ação e reflexão, prática e teoria: acontece na relação entre esses elementos.

O que permite o desenvolvimento do processo de conhecimento crítico da realidade é a práxis transformadora, a práxis de libertação. Só uma educação problematizadora, libertadora e que contraria toda forma de domesticação pode tornar o homem consciente, crítico e capaz de enfrentar os desafios de forma desalienada.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982a.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro: a prática à altura do sonho. In: GADOTTI, Moacir. (org.). **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.